

HISTÓRIAS DE VIDA DAS MULHERES DA RÁDIO TIMBIRA FM (95,5), A MAIS ANTIGA DO MARANHÃO: UM RETRATO DE 2024

LIFE STORIES OF WOMEN FROM TIMBIRA FM RADIO, THE OLDEST IN MARANHÃO: A PORTRAIT OF 2024

IZANI MUSTAFÁ¹

KATIA FRAGA²

RESUMO

Este artigo narra a história de vida de quatro mulheres da Rádio Timbira FM (95,5), a mais antiga do Estado do Maranhão, que entrou no ar em 14 de agosto de 1941 e funciona na capital São Luís. Em junho de 2024, empregava 50 profissionais. Desse total, apenas 19 eram mulheres trabalhando em cargos administrativos ou como apresentadoras e produtoras. Com um roteiro de perguntas organizado, nos dias 24 de junho e 18 de julho de 2024, realizamos entrevistas semiestruturadas e presenciais com as profissionais que têm muitos anos de experiência, superaram desafios e afirmam que são apaixonadas pelo rádio. As autoras compreendem que escrever sobre essas mulheres é um “processo de autorrecuperação” porque reconstitui fragmentos, parte da história delas no rádio (Almeida, 2019). Dar voz a elas, “erguer a voz” sob a perspectiva feminista proposta por hooks (2019) significa “romper silêncios” e usar a voz delas para dar visibilidade às mulheres que foram apagadas da história do rádio brasileiro.

Palavras-chave: Histórias; Histórias de Vida; Mulheres; Rádio Timbira; Maranhão.

ABSTRACT

This article tells the life stories of four women from Rádio Timbira FM (95.5), the oldest radio station in the state of Maranhão, which went on the air on August 14, 1941 and operates in the capital São Luís. In June 2024, it employed 50 professionals. Of this total, only 19 were women working in administrative positions or as presenters and producers. Using an organized questionnaire, on June 24 and July 18, 2024, we conducted semi-structured, in-person interviews with professionals who have many years of experience, have overcome challenges, and claim to be passionate about radio. The authors understand that writing about these women is a “process of self-recovery”

- 1 Jornalista por formação, é professora adjunta do curso de Jornalismo e da Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal do Maranhão, campus Imperatriz. Doutora em Comunicação Social pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), coordena o Grupo de Pesquisa Rádio e Política no Maranhão (RPM), cadastrado no CNPq, e é diretora de comunicação da ALCAR - Associação Brasileira de Pesquisadores de História da Mídia. É também integrante e pesquisadora do Grupo Rádio e Mídia Sonora da Intercom - Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, da RUBRA - Rede de Rádios Universitárias do Brasil, do Núcleo de Estudos de Rádio da Universidade Federal do Rio Grande do Sul e do Grupo de pesquisa Convergência e Jornalismo da Universidade Federal de Ouro Preto. Pesquisa rádio, radiojornalismo, rádios universitárias, podcast e mídias sonoras. E-mail: izani.mustafa@gmail.com
- 2 Professora do Curso de Comunicação Social-Jornalismo da Universidade Federal de Viçosa (UFV). Doutora em Extensão Rural (UFV); mestre em Comunicação, imagem e informação (UFF); graduada em Jornalismo pela Universidade Federal do Espírito Santo (UFES/1989). Atualmente, em estágio Pós-doutoral no PPGCOM da ECO - UFRJ, sob supervisão do professor Marcelo Kischinhevsky. Integrante do Grupo de Pesquisa Rádio e Mídia Sonora da Intercom (Sociedade Brasileira de Pesquisadores em Ciências da Comunicação); Integrante da Rede de Pesquisadores em Radiojornalismo da SBPJor (Radiojor); vice-líder do Grupo de Pesquisa Rádio e Política no Maranhão (RPM); pesquisadora colaboradora do DIZ - Grupo de Pesquisa em Discursos e Estéticas da Diferença (UFV). E-mail:katiatfraga@ufv.br

because it reconstructs fragments, part of their history in radio (Almeida, 2019). Giving them a voice, "raising their voice" from the feminist perspective proposed by hooks (2019) means "breaking silences" and using their voices to give visibility to women who have been erased from the history of Brazilian radio.

Keywords: Stories; Life Stories; Women; Rádio Timbira; Maranhão.

Introdução – As mulheres no mercado de trabalho

A história da sociedade brasileira demonstra que nas décadas de 1940, 1950 e 1960 poucas mulheres trabalhavam fora de casa, em empregos formais. A maioria desses espaços externos de trabalho eram ocupados por homens. As mulheres brasileiras, onde se incluem as profissionais da comunicação, sofreram diferentes formas de opressão oriundas nas desigualdades sistêmicas e na construção de gênero que submeteu a população feminina à invisibilidade e a olhares racistas e sexistas.

De acordo com Butler (2000, p. 113), a construção social sobre identidade feminina abarcou elementos da constituição biológica e determinados papéis atrelados socialmente às mulheres. Geralmente foram representações subalternas, sendo as mulheres excluídas dos processos decisórios e tendo corpos e falas controlados por figuras masculinas.

Para Biroli (2010), a cultura patriarcal sustenta a baixa participação das mulheres na cena política, porque propaga que o público feminino não tem interesse pela vida pública, já que a figura feminina teria vocação apenas para as responsabilidades do ambiente familiar. Essa perspectiva marginal da ação política das mulheres sempre foi combatida pela mobilização feminista que atacou os estereótipos e levantou as bandeiras da igualdade, da ativa participação política e do fim da violência contra as mulheres.

Infelizmente, como salienta hooks (2019, p. 57), ainda "vivemos em um mundo em crise governado por políticas de dominação, um mundo onde a crença em uma noção de superior e inferior e sua concomitante ideologia – de que o superior deveria governar o inferior [...]". Para a escritora feminista, a partir da perspectiva de gênero e "diferentemente de outras formas de dominação", se identifica que o "machismo molda e determina diretamente as relações de poder em nossas vidas privadas, em espaços sociais familiares, no contexto mais íntimo (casa) e nas esferas mais íntimas de relações (família) (hooks, 2019, p. 61). A autora enfatiza também que a desigualdade de gênero ainda faz parte da atual realidade social. E para quebrar essa barreira, diz ela, é preciso que haja uma consciência crítica, "para que possamos explorar e compreender melhor as operações do machismo e da opressão sexista – a base política da crítica feminista – ser mais capazes de exercitar estratégias de resistência" (hooks, 2019, p. 87-88).

Nessa perspectiva, os estudos de gênero, considerando a teoria feminista proposta por hooks, são fundamentais para compreender os locais ocupados por homens e mulheres no meio radiofônico, assim como os valores envolvidos e como se estabelecem as relações de poder. É necessário escrever e falar sobre essas profissionais que ocupam um meio de comunicação predominantemente masculino. Onde ainda hoje as vozes de homens são preponderantes porque passam credibilidade.

No campo científico, onde também existe a predominância de mulheres, Juliana Gobbi (2021) destaca a notoriedade atribuída aos homens em obras referenciais sobre o rádio brasileiro. Com essa declaração, a autora não desmerece o trabalho dos pesquisadores, porém “[...] busca apenas ilustrar uma recorrente ausência que, ao longo dos anos, vem suscitando um processo de apagamento das contribuições e das figuras femininas que fizeram parte da história da radiofonia” (Betti, 2021, p. 60-61).

Portanto, a proposta deste artigo é dar visibilidade às mulheres que estão fazendo parte da história do tempo presente na primeira rádio a entrar no ar na cidade de São Luís, capital do Maranhão. Estado que fica na região Nordeste. Porque como afirma Michelle Perrot (1995),

escrever uma história das mulheres é um empreendimento relativamente novo e revelador de uma profunda transformação: está vinculado estreitamente à concepção de que as mulheres têm uma história e não são apenas destinadas à reprodução, que elas são agentes históricos e possuem uma historicidade relativa às ações cotidianas, uma historicidade das relações entre os sexos. Escrever tal história significa levá-la a sério, querer superar o espinhoso problema das fontes (“Não se sabe nada das mulheres”, diz-se em tom de desculpa) (Perrot, 1995, p. 1).

Este texto, *Histórias de vida das mulheres da Rádio Timbira FM, a mais antiga do Maranhão: um retrato de 2024*, é inédito e trata-se de um recorte de uma pesquisa ampla do Grupo de Pesquisa Rádio e Política no Maranhão, listado no CNPq, intitulado *Vozes, memórias e histórias de mulheres nas rádios do Maranhão (1941-2022)*, que também vai contribuir com uma pesquisa coletiva em andamento *A história (das mulheres) do rádio no Brasil - uma proposta de revisão do relato histórico*, encabeçada pelas investigadoras Valci Zuculoto e Juliana Gobbi Betti (2022). Entendemos que identificar, conhecer, ouvir e escrever sobre essas mulheres é dar voz a quem ficou sempre à margem da história do rádio brasileiro.

Neste artigo destacamos as histórias de vida de quatro mulheres que trabalham na Rádio Timbira FM (95,5), de um total de oito entrevistadas, tendo em mãos um roteiro organizado previamente, realizadas nos dias 24 de junho e 18 de julho de 2024. Entre elas, optamos por apresentar os relatos das profissionais com mais tempo de trabalho na rádio. Os encontros foram presenciais e na própria emissora, no ambiente de trabalho de cada uma.

Antes de narrar a história de vida da apresentadora Mônica Moreira Lima, da coordenadora de Planejamento e Gestão Viviane Barbosa, da apresentadora e produtora Danielle Almeida e da apresentadora Gisa Franco, vamos reverberar essa discussão à luz da perspectiva de gênero defendida por hooks (2019) em torno do cenário radiofônico em questão. Em seguida, apresentaremos a Metodologia aplicada para este trabalho, uma breve história da Rádio Timbira FM (95,5), e, por último, as considerações finais.

Mulheres protagonistas ocultas na história do rádio

De 1940 para cá o Brasil mudou muito em termos de quantitativo de mulheres em relação aos homens. Segundo o estudo *“Tendências Demográficas: uma análise da população com base nos resultados dos Censos Demográficos de 1940 e 2000”*, lançado em 25 de maio de 2007, em 1940, havia equilíbrio entre o número de homens e mulheres (20,6 milhões); e foi em 2000

que o contingente feminino (86 milhões) ultrapassou o masculino (83,6 milhões). É claro que a população do Brasil alterou. De 1940 aumentou quatro vezes mais, passando de 41,2 milhões para 169,8 milhões de habitantes em 2000.

Recentemente, os números voltaram a se alterar. De acordo com o Censo Demográfico do IBGE de 2022 a população brasileira tem 203 milhões de habitantes, sendo que 104,5 milhões de mulheres (51,5%) e 98,5 milhões de homens (48,5%). Existem 6 milhões de mulheres a mais do que homens. A pesquisa indica ainda que o número de homens em relação às mulheres vem decrescendo e a explicação pode estar relacionada a maior mortalidade dos homens. Além disso, o levantamento aponta que o maior número de mulheres ocorre em todas as grandes regiões.

No recorte de gênero focado na profissão de Jornalistas no mercado de trabalho, apresentado no Perfil do Jornalista Brasileiro de 2022, a presença feminina (57,8%) é superior ao masculino (41,9%). No entanto, quando nos debruçamos nos estudos sobre as mulheres que atuam no rádio, verificamos inicialmente que existe uma desigualdade de gênero no meio radiofônico. No dossiê sobre Gênero e rádio, publicado pela Radiofonias – Revista de Estudos em Mídia Sonora, as pesquisadoras Debora Cristina Lopez e Lena Benzecry e o pesquisador Marcelo Kischinhevsky (2022) apresentam dados do Portal Comunique-se sobre a disparidade entre o número de mulheres e homens no rádio brasileiro.

De acordo com a Workr, plataforma de comunicação corporativa do portal Comunique-se, 15.654 mulheres estavam empregadas em veículos de comunicação em 2019, o equivalente a 36,98% dos postos de trabalho no mercado de imprensa nacional. No rádio, contudo, a participação feminina era ainda menor: apenas 2.284 mulheres (20,5% do total) trabalhavam em funções jornalísticas, como repórter, apresentadora e diretora de redação, contra 11.182 homens (Benzecry; Kischinhevsky; Lopez, 2022, p. 3).

Mas nesse cenário opressor para as mulheres, destacamos que muitas profissionais do gênero feminino estavam trabalhando em algumas rádios nos anos de 1940, 1950 e 1960. Em algumas emissoras que foram referências, como a Rádio Nacional do Rio de Janeiro, a Rádio Tupi e a Rádio Mayrink Veiga, ocorreram exceções. Nelas algumas mulheres ocuparam cargos administrativos, importantes protagonistas como cantoras, locutoras, apresentadoras de programas de auditório, discotecárias e atrizes das radionovelas que fizeram tanto sucesso nessas décadas. Naquela sociedade conservadora, muitas delas eram vistas como pessoas com um comportamento fora das normas sociais e, em geral, eram rotuladas de “mulheres de vida fácil”. De acordo com Georges Duby e Michelle Perrot (1995):

As mulheres foram, durante muito tempo, deixadas na sombra da história. O desenvolvimento da antropologia e a ênfase dada à família, a afirmação da história das ‘mentalidades’, mais atenta ao cotidiano, ao privado e ao individual, contribuíram para as fazer dessa sombra. E mais ainda o movimento das próprias mulheres e as interrogações que suscitou. ‘Donde vimos?’ ‘Para onde vamos?’ pensavam elas: e dentro e fora das universidades levaram a cabo investigações para encontrarem os vestígios das suas antepassadas e sobretudo para compreenderem as raízes da dominação que suportavam e as relações entre os sexos através do espaço e do tempo (Duby; Perrot, 1995, p. 7).

As mulheres então não são em “si mesmas um objecto de história” porque elas, ao lado dos homens, também construíram uma história, existente e mutante. Afinal, o seu movimento é contínuo. Essa postura de resistência e de ocupar lugares no veículo de comunicação mais

importante demonstra que essas mulheres não se deixaram contagiar pelas opiniões de diferentes médicos e higienistas. Conforme Rago (1997), para eles,

(...) o trabalho feminino fora do lar levaria à desagregação da família. De que modo as mulheres que passavam a trabalhar durante todo o dia, ou mesmo parcialmente, poderiam se preocupar com o marido, cuidar da casa e educar os filhos? O que seria de nossas crianças, futuros cidadãos da pátria, abandonados nos anos mais importantes de formação do seu caráter? (Rago, 1997, p. 588).

Mas sabemos que as mulheres que ocupavam algum cargo no rádio também contribuíram para o desenvolvimento econômico, como diz Margareth Rago (1997):

(...) uma parcela das trabalhadoras que ajudaram a construir o país nas primeiras décadas do século XX. (...) Nas cidades, elas trabalhavam também no interior das casas – como empregadas domésticas, lavadeiras, cozinheiras, governantas –, em escolas, escritórios, lojas, hospitais, asilos ou, ainda, floristas e prostitutas (Rago, 1997, p. 603).

Muitas delas trabalhavam em casa e estavam no mercado de trabalho. Tinham em geral duas jornadas, apesar dos preconceitos e de parte da sociedade não ver com bons olhos essas feministas que insistiam em trabalhar fora de casa para ter o seu próprio sustento ou ajudar seus maridos e famílias.

Essa realidade faz parte de algumas marcas históricas, sociais e culturais, que tanto geraram um público mais feminino quanto limitou a maior presença das mulheres a certos tipos de programas, entre eles os de Entretenimento como Radionovelas, Variedades ou Musicais. Infelizmente, a maioria das produções jornalísticas são apresentadas por homens. Em geral as vozes masculinas foram sempre consideradas mais expressivas e que passam mais credibilidade ao ouvinte.

No entanto, ao retomar hooks (2019, p. 115) que propõe um movimento libertador, fundamentado na Pedagogia do oprimido, de Paulo Freire, as autoras deste artigo acreditam na possibilidade de “transformar a sociedade erradicando o patriarcado, acabando com o machismo e a opressão sexista”. Têm consciência de que a pesquisa e a escrita da história das profissionais do rádio entrevistadas fazem parte de uma ação libertadora e de resistência a um sistema opressor onde a história do gênero masculino sempre prevalece a história do gênero feminino.

Metodologia aplicada

Este artigo utiliza inicialmente a pesquisa qualitativa e exploratória que, de acordo com Martino (2018, p. 95), significa “fazer um mapeamento prévio do terreno a ser explorado durante a pesquisa principal, pensando nas etapas a percorrer” com o objetivo de proporcionar ao pesquisador maior familiaridade com o problema de pesquisa, e permitindo um planejamento flexível envolvendo a articulação de levantamento bibliográfico (Gil, 2002, p. 41). Nesta etapa também realizamos uma busca ativa, realizada em junho de 2024, para identificarmos as profissionais que trabalham na Rádio Timbira FM (95,5). Com a relação das mulheres que trabalham na emissora, procuramos obter as informações qualitativas, com o “objetivo principal de compreender as ações humanas, não explicá-las” (Martino, 2018, p. 99).

Para isso aplicamos uma entrevista semiestruturada com oito colaboradoras da rádio, fundamentada num roteiro de perguntas, com o intuito de apresentá-las de uma maneira completa e “conhecer o pensamento do entrevistado sobre determinado assunto, dando uma margem de liberdade para as suas próprias considerações e mudanças de rumo, mas sem perder o recorte específico da pesquisa” (Martino, 2018, p. 115).

Realizadas as entrevistas, optamos para este trabalho narrar as histórias de vida de quatro mulheres que atuam há mais tempo no rádio, compreendendo como uma técnica de pesquisa social bastante utilizada por sociólogos, educadores e antropólogos. Assim como Marconi e Lakatos (2018, p. 135), concordamos que essas declarações realizadas em entrevistas semiestruturadas são informações de “documentos íntimos”, “documentos pessoais” ou “documentos humanos” porque “tenta obter dados relativos à “experiência íntima” de alguém que tenha significado importante para o conhecimento do objeto de estudo”. Para preservar as histórias de cada uma, decidimos adotar o método descritivo.

Mesmo tendo sido realizada uma entrevista semiestruturada com cada funcionária da estação mais antiga do Maranhão, no ambiente de trabalho delas, de forma presencial, entendemos que temos uma reconstituição da vida de cada mulher no meio radiofônico. Por isso, neste artigo, as histórias de vida delas são um retrato de 2024. De um momento específico em que elas narraram às autoras, a partir das memórias, algumas lembranças relacionadas ao veículo de comunicação mais abrangente e que ainda tem o maior alcance em relação à televisão, jornal e sites. Para ouvir uma rádio basta um receptor de pilhas ou um celular, porque o rádio foi um dos meios que mais se reconfigurou, se adaptou à internet e às novas tecnologias.

Rádio Timbira, a primeira a entrar no ar no Maranhão em 1941

A primeira transmissão sonora à distância, de um ponto de transmissão para vários pontos foi realizada pela Rádio Clube de Pernambuco, em 6 de abril de 1919 (ALCAR, 2019). É considerada a pioneira entre as rádios no Brasil. Mais tarde, em 1923 entra no ar a Rádio Sociedade do Rio de Janeiro, idealizada como uma emissora educativa pelo cientista Edgard Roquette-Pinto com o apoio de Henry Morize, ambos integrantes da Academia Brasileira de Ciências. Anos depois, em 1936, é fundada a Rádio Nacional do Rio de Janeiro, que pertencia ao Grupo A Noite, e se tornou referência, por causa da sua programação diversificada com informação e entretenimento, para as demais estações que foram surgindo em todas as regiões do Brasil.

Assim, cinco anos mais tarde, a capital do Estado do Maranhão, São Luís, vê surgir a primeira estação em 14 de agosto de 1941. Entrou no ar como comercial denominada Rádio Difusora AM (PRJ-9). Nesse ano estavam no Governo Federal o presidente da República Getúlio Vargas e no Governo Estadual o interventor Paulo Martins de Sousa Ramos, que fez um pronunciamento na noite de inauguração da emissora, na presença de diversas autoridades. A cerimônia foi narrada pelo locutor Marcus Vinícius de Almeida, paraense, poeta e intelectual da Academia Maranhense de Letras. Neste primeiro momento a estação irradiava somente das 12 às 22 horas. (Rêgo, 2004, p. 32).

Naquela época, a então Rádio Difusora AM era ouvida em mais de 60 municípios do Estado (Pinheiro, 2005). E como muitas rádios brasileiras, a Timbira organizou uma programação voltada para a informação, entretenimento e esporte, dentro de parâmetros da Rádio Nacional do Rio de Janeiro. O primeiro coordenador da emissora foi o poeta e jornalista Ribamar Pinheiro, membro da Academia Maranhense de Letras.

Anos depois, em 1944, a emissora mudou de dono e passou para as mãos do Grupo Diários e Emissoras Associados de Assis Chateaubriand. Para isso foi assinado um contrato de comodato, e foi a partir dessa data que ela passou a ser chamada de Rádio Timbira, nome escolhido pelo novo proprietário para homenagear os povos indígenas da região. Nessa época, é necessário destacar que Chateaubriand pretendia ser senador pelo Estado do Maranhão. Conforme Assis; Silva; Souza (2005), o contrato de comodato foi rescindido na administração interina do presidente do Tribunal de Justiça, Eleazar Soares Campos (09 de novembro de 1945 a 16 de fevereiro de 1946). "A partir daí a Rádio Timbira voltou a ser patrimônio do Estado, integrando-se novamente a divisão de radiodifusão do DEIP" (Assis; Silva; Souza, 2005, p. 6).

E a exemplo de boa parte das rádios no Brasil, a Rádio Timbira AM teve sua história ligada à política e aos governantes e, por isso, teve períodos difíceis. Um deles foi na gestão de Matos Carvalho (1957-1961), quando ficou fora do ar. Na administração de Newton Belo (1961-1966), a estação voltou a transmitir e ficou mais potente quando o governador Edison Lobão, em 1991, comprou um novo transmissor de 50 KW. Mas uma outra fase ruim voltou na era da governadora Roseana Sarney (1995-2002) que parou de investir e pensou em privatizá-la. Além disso, a Assembleia Legislativa sugeriu até a extinção da rádio. (Assis; Silva; Souza, 2005). Foi quando o governador Flávio Dino (2015-2019) assumiu o Governo do Maranhão que a estação ganhou um novo endereço, novos equipamentos e foram contratados profissionais renomados que organizaram uma grade de programas com foco no jornalismo, esporte e cultura.

Segundo Brito (2024), em 2019 a emissora "contava com 50 profissionais, entre produtores, cerca de 20 apresentadores, coordenador de produção, coordenador de jornalismo, quatro repórteres, diretor geral, oito estagiários, operadores de áudio, pessoal da limpeza, entre outras funções." (Brito, 2024, p. 122). De lá para junho de 2024 o número de profissionais se manteve o mesmo. De acordo com a Coordenadora de Planejamento e Gestão da Rádio Timbira FM, Viviane Barbosa Leite, hoje existem 50 colaboradores dos setores administrativo, técnico, programação, jornalismo, produção, núcleo de esportes, site e redes sociais. Entre eles, 10 são estagiários. E desse total de profissionais, 13 são mulheres, entre apresentadores, produtoras, repórter e operadora de áudio, e seis são estagiárias mulheres.

Vale ressaltar que desde 2009, a Rádio Timbira está vinculada à Secretaria de Estado de Comunicação Social (Secom) e, em 9 de abril de 2024, migrou do AM para o FM. Portanto não opera mais na frequência AM 1290 KHz e a transmissão via antena se dá no dial 95,5. A emissora tem acompanhado as inovações possibilitadas pela internet e convergência digital e, além do site (<http://radiotimbira.ma.gov.br/>), tem perfis em três redes sociais: Facebook³, Instagram⁴ e X (antigo Twitter)⁵, mantém um canal de comunicação aberto com os ouvintes pelo WhatsApp e um canal no YouTube⁶ onde a emissora faz transmissões ao vivo de alguns programas.

3 Rádio Timbira no Facebook. Disponível em: <https://www.facebook.com/radiotimbira>

4 Rádio Timbira no Instagram. Disponível em: <https://www.instagram.com/radiotimbira/>

5 Rádio Timbira no X. Disponível em: <https://x.com/radiotimbira>

6 Rádio Timbira no canal YouTube. Disponível em: <https://www.youtube.com/@TVTimbira>

Atualmente, de acordo com a Constituição Federal (1988), é considerada uma emissora estatal porque pertence à Secretaria de Estado de Comunicação Social (Secom) e depende financeiramente do Estado. No entanto, os programas priorizam informações de interesse público, educativo e cultural, por isso podemos afirmar que a Rádio Timbira FM atua no campo público de comunicação.

Histórias de vida de quatro profissionais da Rádio Timbira FM

Entre 24 de junho e 18 de julho de 2024, a Rádio Timbira FM tinha 50 profissionais. Desse total, 19 eram mulheres. Sendo que 13 trabalham em diferentes cargos como administrativo, apresentadoras, produtoras, repórter e operadora de áudio, e seis são estagiárias de áreas da reportagem, redes sociais, design gráfico, produção e apresentação. Em termos quantitativos, observamos que o número de mulheres é menos da metade de todos os colaboradores na estação. Uma realidade que infelizmente persiste no meio rádio. Existem mais homens do que mulheres ocupando espaços na emissora mais antiga do Maranhão. Uma realidade percebida em muitas outras estações de diferentes lugares do Brasil.

Nos dias 24 de junho e 18 de julho de 2024, entrevistamos oito profissionais da Rádio Timbira FM (95,5), utilizando um gravador e um caderno de anotações. Aplicamos o roteiro semiestruturado para que a conversa mantivesse um direcionamento, despertando as memórias de cada uma. Assim pudemos conhecer as histórias de cada uma para narrarmos neste artigo quatro histórias de vidas, das mulheres que estão há mais tempo trabalhando em rádio: Monica Moreira, Viviane Barbosa, Danielle Almeida e Gisa Franco. Todas têm algo em comum. A paixão pelo rádio.

“Vou ficar velhinha fazendo rádio”, afirma Mônica Moreira Lima

Apresentadora mais antiga da Timbira, Mônica Moreira Lima começou as atividades há 38 anos em emissoras de rádio no Maranhão. Formada em Jornalismo, em 1991, pela Universidade Federal do Maranhão, onde inclusive lecionou no curso de Comunicação Social por três anos, também tem graduação em Radialismo. Mônica atuou, ainda, em televisão, mas sempre manteve o vínculo com rádio, por considerar o meio mais popular de massa no Brasil.

Foi exatamente por priorizar projetos em rádio e televisão, com os quais continuou mantendo o vínculo que teve de largar o ensino porque não dava para conciliar todas as atividades. Para Mônica Moreira, “a divulgação no rádio ainda é uma informação muito mais confiável que o povo realmente tem”, tendo em vista que “com a internet hoje no país, oferecendo várias formas de acesso, infelizmente se tem muito mais desinformação e está se criando muita “Fake News”.

A jornalista começou a trabalhar em rádio ainda na graduação, depois de passar em uma seleção promovida pela coordenação da UFMA para escolher 15 locutores, os primeiros da Rádio Universidade, coordenada pela Fundação Roquette-Pinto. A produção e a locução do programa eram feitas por ela mesma, entre 1986 e 1991. “Me apaixonei por rádio, me casei e não tenho menor intenção de parar nunca. Já disse que eu vou ficar velhinha aqui fazendo rádio”, declara Mônica.

Mônica lembra com orgulho que teve um programa sobre sexualidade e teria sido o “pioneiro”. Além da Rádio educativa da UFMA, onde considera como um estágio, trabalhou na Rádio Capital, passou pela afiliada da TV Globo, permanecendo mais tempo, e pela TV SBT. Foi onde ela ficou mais tempo. Ela também trabalhou na afiliada do SBT, da Record News e da TV Guará. Hoje Mônica tem um programa sobre reggae, no novo momento da Rádio Timbira, que migrou do AM para o FM em abril.

Na Rádio Capital (2010-2015) fazia um programa Jornalístico. “Era comentarista dos principais assuntos do dia, mas nós comentávamos tudo, cultura, política, comunidade. Era um programa que não tinha restrição de pauta”, comenta ao lembrar, de forma saudosista, que se o ouvinte ligasse na hora e perguntasse sobre um assunto o tema era falado na hora. “Era uma interação muito grande, muito antes de haver internet. Então você estava ali ao vivo, comentava sobretudo e não tinha um computador para você entrar na internet, checar o que é que ele queria saber”, salienta ela.

Mesmo trabalhando em televisão em 2024, a apresentadora afirma não conseguir largar o rádio. Já foi editora, chefe de uma revista, assessora, enfim, teve várias experiências, mas o rádio sempre teve paralelo a isso. “Nunca deixei de fazer porque rádio é o que a gente tem de mais próximo com o povo”, menciona convicta.

Nesses 40 anos, a apresentadora lembra de momentos marcantes nessa trajetória no rádio: “Para mim é o carinho tão grande que a gente recebe, especialmente parece que a gente é da família da pessoa. É isso que eu gosto de rádio”. Entre as “celebridades” que entrevistou em sua carreira, destacou o presidente Lula. E Por quê? “porque me encanta a figura do Lula”

Além de fazer rádio, Mônica também adora ouvir rádio quando está trabalhando, escrevendo no computador ou quando está se deslocando de carro. Um hábito que mantém para se informar e ver o que está sendo feito nas outras rádios. Mas ela faz questão de destacar que é a Rádio Timbira, onde está desde 2015, é diferente porque é do Maranhão e destaca em seus programas a regionalidade do qual ela também tem orgulho.

Sobre o quadro do mercado de trabalho, a apresentadora observa que existem mais mulheres nas redações, incluindo um número maior de pessoas do sexo feminino no papel de locutoras. Todavia, os homens continuam assumindo a maioria dos cargos de chefia, deixando a mulher como subalterna, sempre como coadjuvante.

As mulheres ganham 19,4% a menos que os homens no Brasil, sendo que em cargos de dirigentes e gerentes, por exemplo, a diferença de remuneração chega a 25,2%, segundo levantamento do 1º Relatório Nacional de Transparência Salarial e de Critérios Remuneratórios, apresentado em março de 2024 pelos ministérios do Trabalho e Emprego (MTE) e das Mulheres. O envio dos dados por empresa atende a exigência da Lei nº 14.611, que dispõe sobre a Igualdade Salarial e de Critérios Remuneratórios entre Mulheres e Homens, sancionada pelo presidente Lula, em julho de 2023⁷.

Mônica, porém, aponta avanços, principalmente com a maior cobrança da sociedade em relação à ocupação de espaço, de funções de comando e salários igualitários.

7 Disponível em: [https://www.gov.br/trabalho-e-emprego/pt-br/noticias-e-conteudo/2024/Marco/mulheres-recebem-19-4-a-menos-que-os-homens-aponta-1o-relatorio-de-transparencia-salarial#:~:text=Os%20dados%20apontam%20que%20as,chega%20a%2025%2C2%25](https://www.gov.br/trabalho-e-emprego/pt-br/noticias-e-conteudo/2024/Marco/mulheres-recebem-19-4-a-menos-que-os-homens-aponta-1o-relatorio-de-transparencia-salarial#:~:text=Os%20dados%20apontam%20que%20as,chega%20a%2025%2C2%25.). Acesso: 10 jul. 2024.

“Sempre aonde eu chego, sou espaçosa e me imponho”, afirma a jornalista que diz ter conquistado espaços midiáticos tradicionalmente reservados para os homens como na Política e no Esporte. Ela lembra que num programa político que apresentava ela teve de se impor: “O cara começava a entrar e eu entrava e comentava em cima e trazia um outro contraponto. E assim fui ganhando espaço. E daqui a pouco eu estava com um programa só para mim, de Política”. Na Rádio Timbira AM ela apresentou com Ivson Lima o Fala Timbira, depois com Edvaldo Oliveira o Contraponto e sozinha o Revista da Tarde. Atualmente, agora na Timbira FM, Mônica Moreira Lima comanda o Timbira Roots, de segunda a sexta-feira, das 16 às 18 horas, e tem um blog voltado para conteúdo político.

Para a também radialista,

a mulher tem que mostrar que pode fazer. O homem vai sempre querer achar que tem assunto que só ele fala (Desta vez, referindo-se ao esporte). [...] Então, [...] a gente tem mulheres fazendo; não existe mais espaço de homem, a mulher pode fazer qualquer coisa e a gente está trazendo esse entendimento também para a radiofonia maranhense (Lima, entrevista oral, 2024).

Mônica Moreira assinala, ainda, que as mulheres têm dado uma grande contribuição na mídia radiofônica, entre outros cenários. De acordo com ela, as mulheres “têm uma melhor formação acadêmica, uma preocupação maior em estar se atualizando” e as novas gerações demonstram interesse no rádio, em aprender, perfil que observa na parceria entre a Rádio Timbira e a Universidade Federal do Maranhão.

“Rádio é tudo”, declara Gisa Franco

O rádio também “fisgou” Gisele Maria Franco Goiabeira, mais conhecida como Gisa Franco, responsável pela produção de programas na Rádio Timbira FM, tanto em noticiário quanto na área cultural. Está nessa estação desde 2015, a convite do locutor Darlan Andrade que queria ouvir a voz dela “arrebentando” no AM. Atualmente divide o seu tempo de trabalho em duas rádios, agora FMs: de manhã apresenta o Santo de Casa, de segunda a sexta-feira, das 11 às 12 horas, na Rádio Universidade FM (106,9), que tem uma enorme audiência e se caracteriza por apresentar a cultura maranhense e a diversidade cultural do Estado. Nela está há 31 anos. À tarde trabalha na Rádio Timbira FM há quase 10 anos. De segunda a sexta-feira, às 15 horas, está à frente do Timbira Cult que também é cultural e informativo.

Despertou para o rádio quando foi morar no Rio de Janeiro depois de terminar o segundo grau, hoje Ensino Médio. Gostava da animação dos locutores na época em que o rock nacional virou febre, nos idos de 1980, fase marcada pelo Rock In Rio. Gisa foi a muitos shows e, entre as bandas, curtiu Paralamas do Sucesso e Legião Urbana.

“Eu fiquei impressionada com as mulheres fazendo locução nas rádios”, relembra a época em que fazia cursinho e passou no vestibular para Comunicação Social, aproximando ainda mais a jovem da mídia radiofônica. Tempos depois, sua mãe decidiu buscá-la de volta para a cidade onde a família morava, no Maranhão. Não encontrou nas emissoras as locuções que ouvia entre as cariocas.

Chegou a fazer um curso de fotografia, mas conseguiu vaga de transferência no curso de Comunicação, na UFMA. Segundo ela, foi difícil conciliar fotografia com outra atividade. Nessa época, professores diziam que a voz de Gisa era muito boa. Foi indicada para fazer um teste e foi selecionada no teste para ser locutora. Pronto, assim iniciou o estágio, permanecendo por dois anos na Rádio Universidade FM (106,9) e onde adquiriu muita prática, entre 1987 e 1988.

Em 1989 foi contratada como profissional pela Mirante FM, onde ficou por quase cinco anos. No ano de 1993 foi chamada de volta para trabalhar na Rádio Universidade FM, onde atua há 31 anos. Ao longo desses anos, ela afirma nunca ter enfrentado situação de assédio, mas preconceito, sim. Teve um chefe que “não engolia” muito ela, mas os coordenadores valorizavam seu trabalho, fator decisivo para se manter no emprego.

Nessa relação com os colegas, Gisa afirma que existe uma distinção entre homens e mulheres no mercado de trabalho. Para exercer a mesma função, eles ganham mais que elas. Ela disse ter mudado de emprego porque a atual emissora fez uma boa proposta e ela precisava ganhar mais para sustentar seu filho.

Aos 57 anos, Gisa se considera realizada e comemora sua data de nascimento por ser muito simbólica: 12 de maio, que em alguns anos cai no Dia das Mães. Nessa perspectiva, acredita que as mulheres têm um papel importante porque se comunicam de forma diferente, falam de maneira direta para a mulher. Um pouco por isso, os programas que apresenta nas duas emissoras de São Luís são voltados especialmente para o público feminino. Citou como exemplo o de uma apresentadora sobre a saúde das mulheres, dos seus “aperreios”, suas vontades, seus sonhos. “Eu acho que a gente tem que motivar as mulheres a ouvir o rádio, a ouvirem o rádio”, defende.

Gisa adota o mesmo ensinamento para estudantes de comunicação. “A gente tem contato aqui com vários estagiários, e tenta passar muito isso para eles”, descreve comentando a relação com a nova geração: “Eu passo a minha paixão” referindo-se aos estagiários, que procura incentivar a conhecer a estrutura e o hábito de escutar rádio. E sentencia: “A gente não consegue fazer rádio se não ouvir rádio, rádio é tudo”.

Viviane Barbosa Leite tem pelo rádio uma paixão herdada do pai

O rádio para Viviane Barbosa Leite é “uma paixão”, uma relação umbilical herdada de seu pai, o que a fez “admirar profundamente os profissionais de rádio”. Radialista formada pela UFMA, Viviane sempre conviveu com a mídia radiofônica. Coordenadora de Planejamento e Gestão na Rádio Timbira FM, foi influenciada pelo pai, o Lauro Leite⁸, integrante da equipe Timbira como repórter, noticiarista e diretor. Ainda na infância frequentava “estúdio de rádio, sentindo esse cheiro, essa atmosfera de produção e radiofônica” levada pelo pai, dentista de formação, mas que abandonou a Odontologia pelo rádio na época, confia Viviane.

Antes mesmo de entrar na universidade, Viviane já estava no seu primeiro emprego: na Rádio Educadora AM. Depois passou pelas emissoras de televisão Difusora e Band, numa afiliada local. Muito tempo depois foi convidada para ir para a Rádio Timbira, na qual atuou inicialmente

8 Disponível em: <https://imirante.com/oestadoma/noticias/2016/10/10/morre-o-jornalista-e-radialista-lauro-leite>. Acesso: 5 Ago. 2024.

como assessora da Secretaria de Comunicação, na função de coordenadora de planejamento. Mas nos bastidores atuou como produtora.

Perguntada sobre o que foi mais marcante para ela na Rádio Timbira, a radialista foi categórica: “É essa a perspectiva do jornalismo comunitário que existe nessas emissoras, que ainda tem um jornalismo muito forte”. De acordo com Viviane, emissoras AM que estão migrando para o FM levam a característica informativa de prestação de serviço. “A gente vem com essa veia do jornalismo comunitário, coisa que sempre me chamou atenção”, reforça.

No campo do gênero, Viviane reiterou o pensamento de outras radialistas de que as mulheres estão ocupando cada vez mais espaços nas redações. Antes, a mulher “não tinha espaço de fala”, ficando sempre subjugadas aos pensamentos machistas. Na sua carreira afirma não ter sofrido assédio, até porque já entrou sendo conhecida como “a filha de Lauro”. Mas piadinhas machistas eram normalizadas, o que gerava constrangimento. Mas, atualmente, o ambiente de trabalho é melhor. Hoje ainda existe, sutilmente, o viés do patriarcado. Mas ocorreram muitos avanços, mesmo num processo histórico um pouco lento.

Além da modificação no comportamento do ambiente de trabalho, as mudanças tecnológicas representaram desafios. Diante da convergência de mídias, do “rádio expandido” (Kischinhevsky, 2016), os profissionais foram obrigados “a fazer rádio de outra forma”. É o que explica a coordenadora da área administrativa: “Agora não é mais só o rádio, mas a gente está na TV, a gente está em outras plataformas, está com outros instrumentos de comunicação, com outros mecanismos”. Nesse cenário, foi preciso dialogar mais com outras linguagens, o que fez a equipe de jornalismo da Timbira FM, tendo em vista que peças de jornalismo se misturam com as redes sociais.

Sonho realizado na Timbira, declara Danielle Plínio dos Santos Almeida

Outra apaixonada declarada por rádio é a jornalista Danielle Plínio dos Santos Almeida. Iniciou a carreira na Rádio Timbira, em 2009, como estagiária, ainda no terceiro período do curso de jornalismo. Como sempre se identificou com o rádio, conseguiu uma oportunidade na emissora. Já foi produtora, apresentadora e coordenadora de estágio.

Atualmente apresenta o Timbira News, das 7 às 9 horas da manhã, um programa jornalístico com esporte. “Já fiz um programa de esporte, o primeiro no Maranhão, com quatro mulheres apresentando em 2011”, diz orgulhosa ao mencionar que gosta muito de esporte “desde pequena” e sempre quis conciliar jornalismo com essa área.

“Desde pequena eu sempre fui apaixonada pelo rádio; sempre gostei de estar ali, antenada, ouvindo. Gostava muito [...] de esporte, eu acompanhava jogos e isso me incentivava ainda mais a ficar no rádio”, reforça a jornalista. Ela lembra que há alguns anos não era comum ver mulheres comentando sobre esporte, principalmente fora do eixo Rio-São Paulo: “Helena Leite e Keila Roberta foram mulheres que abriram as portas aqui no Maranhão para que se falasse de esporte [...] tem mulher na beira do campo”.

Toda formação de Danielle foi voltada para a mídia radiofônica, tornando-se “um sonho realizado”. Seu vínculo com o veículo teve início aos 17 anos e, hoje, com 35 anos, nunca largou o rádio. “Fiz família dentro do rádio. [...] então o rádio me deu tudo até o momento”, brinca, apontando ser casada com um radialista, jornalista.

Ouve rádio no carro e em todo canto da casa, já que tem três rádios à pilha. “Quando dá um problema, [...] e se falta luz? Justamente por isso, já aconteceu inúmeras vezes de faltar energia. Gente, tudo vai se embora, mas o rádio está lá”, justifica. Nesse momento, a recente tragédia no Rio Grande do Sul veio à tona. Com a falta de energia elétrica, uma grande parcela da população se informava pelo rádio⁹.

Considerações finais

A Rádio Timbira FM (95,5), a primeira emissora do Estado do Maranhão, surgiu numa década em que havia mais homens do que mulheres no Brasil. Nos anos de 1940, 1950 e 1960, era difícil encontrarmos mulheres no mercado de trabalho. Em atividades fora de casa, mesmo estando casada e tendo filhos. Não eram vistas com bons olhos. A sociedade patriarcal preferia que elas ficassem em casa cuidando do lar, dos filhos e do marido, considerado o chefe da família. Mas sabemos também que muitas quebraram essa imposição e sim, começaram a ocupar diferentes cargos, inclusive foram trabalhar em rádio como atrizes, apresentadoras e produtoras de programas, em geral de entretenimento já que a voz feminina era muito suave para ler notícias e não passava credibilidade. São muitas histórias, mas muitas não estão relatadas na história do rádio brasileiro. Ficaram invisibilizadas.

E o Brasil mudou muito ao longo desses mais de 80 anos. Segundo dados do IBGE (2022), existem 203 milhões de habitantes, sendo que 104,5 milhões de mulheres (51,5%) e 98,5 milhões de homens (48,5%). Portanto são seis milhões de mulheres a mais do que homens. Boa parte já trabalha fora de casa, mas quando observamos o trabalho nas áreas da Comunicação, percebemos que elas ainda falam pouco no microfone e ocupam mais cargos nas áreas administrativas e como produtoras de programas. A voz da mulher apresentando programas jornalísticos ainda é um tabu no meio radiofônico. Apesar disso, elas têm ganho espaço. Neste artigo apresentamos o caso da Rádio Timbira FM (95,5), a emissora mais antiga do Maranhão que, instalada em São Luís, tem 50 colaboradores, sendo 31 homens e somente 19 mulheres que atuam em cargos administrativos e como apresentadoras, produtoras, repórteres e operadoras de áudio. Ainda tem mais homens que mulheres apresentando programas, apesar das mulheres serem maioria no Brasil. A desigualdade em quantitativo entre homens e mulheres persiste.

Este artigo proposto é um recorte de uma pesquisa mais ampla do Grupo de Pesquisa Rádio e Política no Maranhão, listado no CNPq, *Vozes, memórias e histórias de mulheres nas rádios do Maranhão (1941-2022)*, que também vai contribuir com uma pesquisa coletiva em andamento *A história (das mulheres) do rádio no Brasil - uma proposta de revisão do relato histórico*. Porque entendemos que é necessário identificar, conhecer e ouvir essas mulheres. É preciso urgente-

9 Diante da calamidade no Rio Grande do Sul, várias campanhas de solidariedade foram feitas, inclusive uma para arrecadar rádio a pilha para doação as comunidades que ficaram sem energia elétrica e buscavam informações e orientações pelas emissoras de rádio. Disponível em: <https://cbn.globo.com/coberturas/sos-rio-grande-do-sul/noticia/2024/05/20/radios-de-pilha-se-transformaram-em-um-grande-aliado-para-os-gauchos.ghtml>. Acesso em: 21 mai. 2024.

mente dar voz a quem ficou sempre à margem da história do rádio brasileiro: as mulheres que sim, também ajudar a construir o rádio, um dos veículos de comunicação mais popular. Escrever sobre essas profissionais é fazer parte de um movimento libertador e de resistência a uma história escrita em geral por homens, para os homens, deixando de lado o protagonismo de mulheres que também contribuíram para que a sociedade fique menos desigual.

Entre as 19 profissionais que trabalham na Rádio Timbira FM, já foram entrevistadas oito. E dessas, elencamos as quatro comunicadoras que estão há mais tempo na estação, apresentando programas. Elas são exemplos de mulheres que venceram barreiras, aproveitaram a oportunidade de trabalhar no rádio e sabem que, por serem mulheres, fazem diferença quando abrem o microfone. Elas têm consciência que são minoria nesse meio, ainda tão masculino. Sabem que até ganham menos, em alguns casos. Mas ocupam seus lugares para mostrar as demais mulheres que elas podem estar onde quiserem e trabalhar com o que gostam sempre. Para elas, as mulheres estão ganhando mais espaço nas mídias e em outras áreas. As entrevistadas desta pesquisa têm algo em comum: são apaixonadas pelo rádio, meio com o qual têm muitas histórias e um vínculo afetivo muito forte.

Referências

- ALCAR. *Carta de Natal*. Natal, Rio Grande do Norte, 20 de junho de 2019. Disponível em: <https://redealcar.org/carta-de-natal/>. Acesso em: 13 agos. 2024.
- ALMEIDA, Danielle Plínio dos Santos. *Apresentadora e produtora da Rádio Timbira FM*. Entrevista concedida às autoras. São Luís (Maranhão), 18 de julho de 2024.
- ALMEIDA, Mariléa de. A voz, a coragem e a ética feminista. In: hooks, bell. *Erguer a voz: pensar como feminista, pensar como negra*. São Paulo: Editora Elefante, 2019.
- ASSIS, Darlene Rose Costa de; SILVA, Amanda Cecília Marchi; SOUZA, Osmarina Pereira de. Timbira: A Primeira Era do rádio no Maranhão. In: *3º Encontro Nacional da Rede Alfredo de Carvalho*, 2005, Novo Hamburgo/RS. Disponível em: <https://redealcar.org/anais-eventos-nacionais-3o-encontro-2001/>. Acesso em: 2 jul. 2024.
- BIROLI, Flávia. Mulheres e política nas notícias: Estereótipos de gênero e competência política. *Revista Crítica de Ciências Sociais*, (online) v. 90, p. 45-96, 19 out. 2010.
- BETTI, Juliana Gobbi. *Informação crítico-emancipatória com perspectiva de gênero: os direitos das mulheres em programas radiofônicos femininos*. Florianópolis: UFSC, 2021. Tese. Universidade Federal de Santa Catarina, 2021.
- BRITO, Nayane. *Radiojornalismo no Norte do Maranhão: um estudo de emissoras de antena (2018-2023)*. Tese (doutorado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão, Programa de Pós-Graduação em Jornalismo, Florianópolis, 2024.
- BUTLER, Judith. Corpos que pesam. In: LOURO, Guacira Lopes (Org.). *O corpo educado: Pedagogias da Sexualidade*. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.
- CBN. *Rádios de pilha se transformam em grande aliado para os gaúchos*. Disponível em: <https://cbn.globo.com/coberturas/sos-rio-grande-do-sul/noticia/2024/05/20/radios-de-pilha-se-transformaram-em-um-grande-aliado-para-os-gauchos.ghtml>. Acesso em: 21 mai. 2024.
- DUBY, Georges; PERROT, Michele. (Org.). *Escrever a história das mulheres*. In:
- THÉBAUD, Françoise. *História das mulheres no ocidente - O século XX*. Porto: Afrontamento, 1995.
- GIL, Antônio Carlos. *Como elaborar projetos de pesquisa*. São Paulo: Editora Atlas S.A, 2002.

GOIABEIRA, Gisele Maria Franco. *Apresentadora da Rádio Timbira FM*. Entrevista concedida às autoras. São Luís (Maranhão), 18 de julho de 2024.

HOOKS, Bell. *Erguer a voz: pensar como feminista, pensar como negra*. São Paulo: Editora Elefante, 2019.

IBGE. *Censo 2022*. [on line]. Disponível em: <https://educa.ibge.gov.br/jovens/conheca-o-brasil/populacao/18320-quantidade-de-homens-e-mulheres.html>.

IBGE. *Estudo revela 60 anos de transformações sociais no país*. [on line]. Disponível em: [https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-sala-de-imprensa/2013-agencia-de-noticias/releases/13300-asi-estudo-revela-60-anos-de-transformacoes-sociais-no-pais#:~:text=Em%201940%2C%20havia%20equil%C3%ADbrio%20entre,\(83%2C6%20milh%C3%B5es\)](https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-sala-de-imprensa/2013-agencia-de-noticias/releases/13300-asi-estudo-revela-60-anos-de-transformacoes-sociais-no-pais#:~:text=Em%201940%2C%20havia%20equil%C3%ADbrio%20entre,(83%2C6%20milh%C3%B5es)).

IMIRANTE. *Morre o jornalista e radialista Lauro Leite*. [on line], 10 de outubro de 2010. Disponível em: <https://imirante.com/oestadoma/noticias/2016/10/10/morre-o-jornalista-e-radialista-lauro-leite>. Acesso em: 5 ago. 2024.

KISCHINHEVSKY, Marcelo. *Rádio e mídias sociais*. Mediações e interações radiofônicas em plataformas digitais de comunicação. Rio de Janeiro: Ed. Mauad X, 2016.

LEITE, Viviane Barbosa. *Coordenadora de planejamento e gestão da Rádio Timbira FM*. Entrevista concedida às autoras. São Luís (Maranhão), 24 de junho de 2024.

LIMA, Samuel Pantoja; MICK, Jacques (et al). *Perfil do Jornalista Brasileiro 2021*. Florianópolis: Quorum Comunicações, 2021. Disponível em: <https://perfildojornalista.paginas.ufsc.br/files/2022/06/RelatorioPesquisaPerfilJornalistas2022x2.pdf>.

LIMA, Mônica Moreira. *Apresentadora da Rádio Timbira FM*. Entrevista concedida às autoras. São Luís (Maranhão), 24 de junho de 2024.

LOPEZ, Debora Cristina; KISCHINHEVSKY, Marcelo; BENZECRY, Lena. Perspectiva de gênero nos estudos radiofônicos. *Radiofonias – Revista de Estudos em Mídia Sonora*. Mariana - MG, v. 13, n. 01, p. 2-8, jan./abr. 2022.

MARTINO, Luís Mauro Sá. *Métodos de Pesquisa em Comunicação: projetos, ideias, práticas*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2018.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. *Técnicas de Pesquisa*. São Paulo: Atlas, 2018.

Ministério do Trabalho e do Emprego. *Mulheres recebem 19,4% a menos que os homens, aponta 1º Relatório de Transparência Salarial*. Disponível em:

<https://www.gov.br/trabalho-e-emprego/pt-br/noticias-e-conteudo/2024/Marco/mulheres-recebem-19-4-a-menos-que-os-homens-aponta-1o-relatorio-de-transparencia-salarial#:~:text=Os%20dados%20apontam%20que%20as,cheega%20a%2025%2C%25>. Acesso: 10 jul. 2024.

MUSTAFÁ, Izani. As mulheres na Rádio Difusora AM de Joinville (1941-1961). *Anais*. VIII Encontro Nacional de História da Mídia. Guarapuava (PR): ALCAR, 2011. Disponível em: <https://redealcar.org/anais-eventos-nacionais-8o-encontro-2011/>. Acesso em: 9 agos. 2024.

MUSTAFÁ, Izani; FRAGA, Kátia; BRITO, Nayane; PINHEIRO, Roseane Arcanjo; MARTINS, Katherine Malaquias. As mulheres de ontem e de hoje no Rádio de Imperatriz (MA). *Anais*. XIV Encontro Nacional de História da Mídia. Niterói (RJ): ALCAR, 2023. Disponível em: <https://redealcar.org/anais-eventos-nacionais-14o-encontro-2023/>.

MUSTAFÁ, Izani; MARTINS, Katherine Malaquias. As mulheres que trabalham em rádio em quatro cidades da Região Tocantina (MA). *Anais*. Simpósio de Comunicação da Região Tocantina. Imperatriz (MA), 2023. Disponível em: <https://proceedings.science/simcom-2023?lang=pt-br>.

MUSTAFA, Izani; BRITO, Nayane. Rádio e poder político no Maranhão, uma história de 78 anos (1941-2019). In: LOPEZ, Débora Cristina; KISCHINHEVSKY, Marcelo; ZUCULOTO, Valci Regina Mousquer; RADDATZ, Vera. (Org.). *Rádio no Brasil 100 Anos de História em (Re) Construção*. 1ed.ljuí: Unijui, 2020, v. 1, p. 323-337.

PERROT, Michelle. Conferência proferida no Núcleo de Estudos de Gênero Pagu em 06 de maio de 1994 (Unicamp). Tradução de Ricardo Augusto Vieira - Mestrando em Filosofia, UNICAMP. *Cadernos Pagu* (4) 1995, p. 9-28.

PINHEIRO, Roseane Arcanjo. *Nas ondas da pioneira*. Jornal O Estado do Maranhão, São Luís, p. 3, 2 de janeiro de 2005. Caderno Alternativo. Série: história e imprensa.

RAGO, Margareth. Trabalho feminino e sexualidade. In: PRIORE, Mary Del (Org.). *História das mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 1997.

RÊGO, Gleydson Botelho. *80 Anos de rádio no Maranhão: breve histórico da rádio sociedade maranhense à Rádio Educadora*. Monografia – Universidade Federal do Maranhão, São Luís, 2014.

SECOM. *Rádio Timbira agora é FM*. São Luís, Secom [on line], 8 de abril de 2024. Disponível em: <https://secom.ma.gov.br/noticias/radio-timbira-agora-e-fm>. Acesso em: 3 jul. 2024.

SCOTT, Joan. *Gênero: uma categoria útil para análise histórica*. Tradução Christine Rufino Dabat e Maria Betânia Ávila. In: *Gender and the politics of history*. New York, Columbia University Press. 1989. p. (1-35). Disponível em: http://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/185058/mod_resource/content/2/G%C3%AAnero-Joan%20Scott.pdf. Acesso em: 20 jun. 2024.

ZUCULOTO, Valci; BETTI, Juliana Gobbi. A história (das mulheres) do rádio no Brasil - uma proposta de revisão do relato histórico. *Anais*. XIII Encontro Nacional de História da Mídia. São Paulo: ALCAR, 2022.